SUN TZU 孫子

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS ORIGINAIS

Sinólogo com mestrado em história e doutorado em filosofia

Traduzido diretamente do CHINÊS

Por André Bueno

Jardim Dos Livros

A ARTE DA GUERRA

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 1 18/10/17 16:22

Tradução e adaptação de
André da Silva Bueno

SUN TZU

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS ORIGINAIS

Jardim dos Livros

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 3 18/10/17 16:22

SUN TZU – A ARTE DA GUERRA

TÍTULO ORIGINAL:
SUN ZI BING FA

Copyright © 2010 by Jardim dos Livros Ltda.

Novembro de 2017

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Assistente Editorial
Adriana Carvalho

Tradução
André da Silva Bueno

Revisão
Gabriel Kwak

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

da Silva Bueno, André
A arte da guerra: os treze capítulos originais /
Sun Tzu; adaptação e tradução de André da Silva Bueno.
-- São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.

Título original: Sun zi bing fa
Bibliografia.

ISBN 978-85-60018-00-0

1. Arte e ciência militar – Obras anteriores a 1800
I. Sun Tzu, séc. 6 a.C. II. Título.

09-3821 CDD: 355

Índices para catálogo sistemático

1. Arte e ciência militar 355

EMEDIATO EDITORES LTDA
Rua João Pereira, 81 – Lapa
CEP: 05074-010 – São Paulo – SP
Telefone: (+ 55 11) 3256-4444
E-mail: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

"O verdadeiro objetivo da guerra é a paz."

Sun Tzu

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 5 18/10/17 16:22

Introdução

Quando fui gentilmente convidado a realizar esta tradução do Sunzi Bingfa – *A Lei da Guerra de Sunzi* – imaginei se não estaria tentando concorrer com uma série de outras versões abalizadas, feitas por sinólogos e literatos de respeito, o que deixaria meu trabalho redundante. No entanto, ao examinar algumas traduções, comecei a perceber que a questão não era tão simples assim. Existem muitas tentativas de traduzir a obra de Sunzi, e algumas são péssimas; além disso, grande parte é feita em outra língua, antes de ser vertida para o português, processo no qual muitas informações relevantes se perdem. Por conta disso, comecei a notar que seria de grande valia realizar uma tradução desse texto diretamente para o nosso idioma, adaptando o que fosse necessário para uma melhor compreensão dele.

Um dos primeiros pontos trata justamente do título da obra. Convencionou-se traduzir "Bing fa" como "Arte da Guerra", o que discordo desde o início. "Fa" é uma palavra que denomina, mais apropriadamente, "Lei" ou "Regra". Ela é dura, fixa, e acopla seu sentido à questão da guerra, "Bing". A inspiração para traduzir "Fa" como "Arte" veio dos manuais homônimos ocidentais, como o *Arte da Guerra* de Clausewitz. Com o tempo, a convenção e as modas prevaleceram sobre a razão e o cuidado na tradução.

A tendência em fazer versões estilizadas de *Lei da Guerra* foi sempre uma maldição para este livro. O Padre Amiot fez a sua em 1772, com uma linguagem rebuscada que poderia transformar o livro quase num romance; Lionel Gilles, em 1910, fez sua versão na qual dá uma "tradução exata" de alguns termos que mesmo os chineses têm dificuldade de explicar; mas a que popularizou o texto – pasmem – foi a de James Clavell, autor de romances como *Xógum* e *Taipan*, o que nos dá um indicativo de como a obra tem sido analisada até então...

No entanto, o texto de Sunzi é redescoberto de tempos em tempos. Recentemente, ele foi adotado como manual de estratégia por empresários de todo o mundo. Foi muito lido pelos melhores generais da atualidade (e como vocês verão, algumas partes do livro parecem ser perfeitamente aplicáveis às guerras recentes que temos testemunhado). Na academia, estuda-se a possibilidade de Sunzi ter sido um pensador tão importante na China Antiga quanto foram Confúcio ou Laozi.

O que apresento agora, portanto, é minha versão de *Lei da Guerra* de Sunzi. Os critérios adotados para realizá-la serão descritos adiante, bem como algumas informações pertinentes para entender o contexto histórico da obra. Espero que sua leitura seja gratificante, tanto quanto os antigos legaram seus escritos para que as gerações futuras pudessem compreender seus pensamentos.

André Bueno, 2009.

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 22 18/10/17 16:22

I

AVALIAÇÕES

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 23 18/10/17 16:22

Sunzi disse:

"A guerra é de vital importância para a nação. É o domínio da vida ou da morte, o caminho para a sobrevivência ou a destruição. É necessário avaliá-la corretamente."

Existem cinco coisas que devemos conhecer para prever o desfecho de uma guerra:

Primeiro, o caminho[3]; segundo, o tempo; terceiro, o terreno; quarto, a liderança e quinto, as regras.

PRIMEIRO – CAMINHO

O Caminho significa aquilo que faz com que o povo esteja em harmonia com seu governante, seguindo-o onde for, sem temer o perigo, a vida ou a morte.[4]

SEGUNDO – TEMPO

O Tempo significa o Yin e o Yang, a mudança das estações.

TERCEIRO – TERRENO

O Terreno significa as distâncias, a facilidade do movimento, os espaços abertos ou fechados e a possibilidade de sobreviver.

3. Como afirmamos aqui Sunzi utiliza, especificamente, o termo Dao – caminho, método – em sua perspectiva ampla e abrangente.

4. Uma vez, um discípulo perguntou a Confúcio (551-479 a.C.), fundador do que seria a escola dos letrados (também conhecida como Confucionismo), quais as três coisas fundamentais para se ter um bom governo. Confúcio respondeu: um bom exército, comida e confiança nos líderes. O discípulo voltou a insistir, querendo saber se era possível retirar algum desses itens e continuar a se ter um bom governo. Confúcio novamente respondeu: "sem um exército, um povo bem alimentado e confiante luta; sem comida, um povo que confia nos seus líderes faz qualquer coisa. Pode-se ter um bom governo sem comida e sem exército, mas sem líderes confiáveis, mesmo um país rico e bem guardado está fadado à ruína".

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 27 18/10/17 16:22

QUARTO – LIDERANÇA

A Liderança deve conter sabedoria, sinceridade, humanismo, coragem e disciplina.

QUINTO – REGRAS.

As Regras significam Organização, Hierarquia e o Aprovisionamento regular.

Essas cinco coisas devem ser conhecidas por cada general. Quem as sabe, vence; quem não sabe, perde.

Ao planejar, devemos também pensar em sete fatores fundamentais, pesando-os com cuidado:

1. *Qual governante segue o caminho?*
2. *Qual o líder mais talentoso?*
3. *Que exército aproveita o terreno?*
4. *Que exército tem as melhores regras?*
5. *Quais as tropas mais fortes?*
6. *Qual exército é mais bem treinado?*
7. *Qual exército administra as recompensas e castigos de acordo com as regras?*[5]

5. Disse o filósofo legista Hanfeizi (? – 233 a.C.): "Os meios pelos quais uma lei inteligente controla seus ministros são os 'dois punhos'. Os dois punhos são a punição e a recompensa. E o que significam o castigo e a recompensa? Quando se inflige a morte ou a tortura em cima dos culpados, é chamado castigo; já os incentivos para homens do mérito são chamados de recompensa. Os ministros são receosos da censura e da punição, mas são afeiçoados ao incentivo e à recompensa. Consequentemente, se o senhor dos homens usar os punhos do castigo e da recompensa, todos os ministros temerão sua severidade e por seu turno, sua liberdade".

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 28 18/10/17 16:22

Estude esses sete fatores fundamentais. Assim, se pode saber quem vai vencer e quem vai perder.

O general que seguir meu conselho vencerá e irá liderar. O que não me ouvir será derrotado e não deverá liderar.

O general sábio deve criar situações que lhe sejam favoráveis. Isso significa tirar partido do campo, do tempo e das vantagens que apareçam.

A Lei da Guerra se baseia no engano.

Finja ser incapaz quando puder atacar e ser capaz quando não puder.

Se está longe, pareça estar perto; se perto, pareça estar longe.

Use iscas para atrair o inimigo.

Ataque o inimigo quando ele está em desordem; evite-o quando ele está forte; irrite-o fazendo confusão; estimule sua arrogância simulando fraqueza.

Se as tropas inimigas estão em ordem, tente bagunçá-las; se estão unidas, semeie a discórdia. Ataque-as quando não estiverem preparadas; apareça repentinamente. Esses são os meios seguros para a vitória.

Se as avaliações indicam a vitória, é porque foram feitas de modo apropriado e mostram que suas forças são maiores que do inimigo; se as avaliações indicam a derrota, é porque são desfavoráveis e mostram que suas forças são inferiores a do inimigo. Com bons cálculos, se pode vencer; com poucos, não; quem não os fizer, não tem a mínima chance. Quem faz corretamente as avaliações verá o resultado surgir com clareza.

II

O COMBATE

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 31 18/10/17 16:22

Sunzi disse:

Quando começa a batalha, mesmo que esteja ganhando, não se demore muito ou suas tropas vão se desanimar e perder a vontade. Num cerco, sua força vai se exaurir; se seu exército está em campo há muito tempo, os mantimentos vão acabar.

Se as tropas estão cansadas, suas armas gastas, seus mantimentos escassos e a vontade se foi, a intriga, o motim e as más influências dos inimigos vão se manifestar em breve. Mesmo os bons conselheiros não poderão resolver isso, nem fazer planos para o futuro.

Por essas razões, já ouvimos falar de guerras rápidas, torpes e eficazes, mas nunca de uma guerra longa que fosse inteligente.

Nunca houve guerra longa que fosse benéfica para qualquer um dos reinos envolvidos.[6]

Assim sendo, quem não sabe as desvantagens do uso das armas, não sabe também as vantagens, e não deve usá-las.

Quem sabe usar as armas, não convoca seu exército duas vezes nem lhe dá três refeições.[7]

Evite usar as armas e os mantimentos de seu país; tire-os do inimigo, e assim estará bem abastecido.

6. Isso está mais do que claro nas guerras atuais; a primeira invasão do Iraque, por exemplo, foi considerada um sucesso; a segunda guerra do Iraque, bem como a guerra do Afeganistão ou como foi a do Vietnã, são consideradas tragédias que deveriam logo acabar por uma substancial parcela da opinião pública.

7. Uma expressão que significa: não os convoca irresponsavelmente, nem em demasia; não os alimenta além do necessário, o que significaria uma campanha longa.

Livro_ARTE_da_Guerra_LUXO.indd 35 18/10/17 16:22

Quando uma região está empobrecida por causa da guerra, é necessário trazer alimentos de longe, e isso só torna o povo mais carente.

Onde o exército estiver, os preços serão altos. Preços altos esgotam a riqueza e com isso o povo será extorquido por impostos pesados; assim, haverá crise e esgotamento do campo.[8]

O povo perderá sete décimos de tudo que produz. O governo gastará com as armas e provisões seis décimos de tudo que arrecadar.

Por essas razões, um bom general é aquele que se mantém à custa do inimigo; cada quilo roubado equivale a vinte dos seus.

O que destrói o inimigo é a raiva, e as provisões roubadas são a recompensa.

Numa batalha de carros, recompensa primeiro o que tomar ao menos dez carros. Troque suas cores e utilize-os misturados aos seus.

Trate bem os prisioneiros.

Isso se chama vencer o inimigo e aumentar suas forças.

O mais importante em uma guerra é a vitória e não a persistência. Nunca se prolongue. O general que compreende a guerra é o ministro do povo e o protetor da nação.

8. Essas ideias econômicas estão presentes no Livro de Shang Yang, autor legista (? – 333 a.C.).